

À SUA LENDA ESTÁ SÓ NO COMEÇO

À LENDA DE



ZAKIEL

LIVRO I

ERDAN NIGHTWALKER

Título Original: A Lenda de Zakiel

Autor: Erdan Nightwalker

Copyright © Erdan Nightwalker

Copyright © Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Revisão: Catarina Alves

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design Brasões Internos: Catarina Branco/Susana Sousa

Imagen de Capa: Freepik

Capa: Tânia Roberto

1º Edição: maio de 2023

2º Edição: abril de 2024

Acabamento/Impressão: Ulzama Gráficas

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao

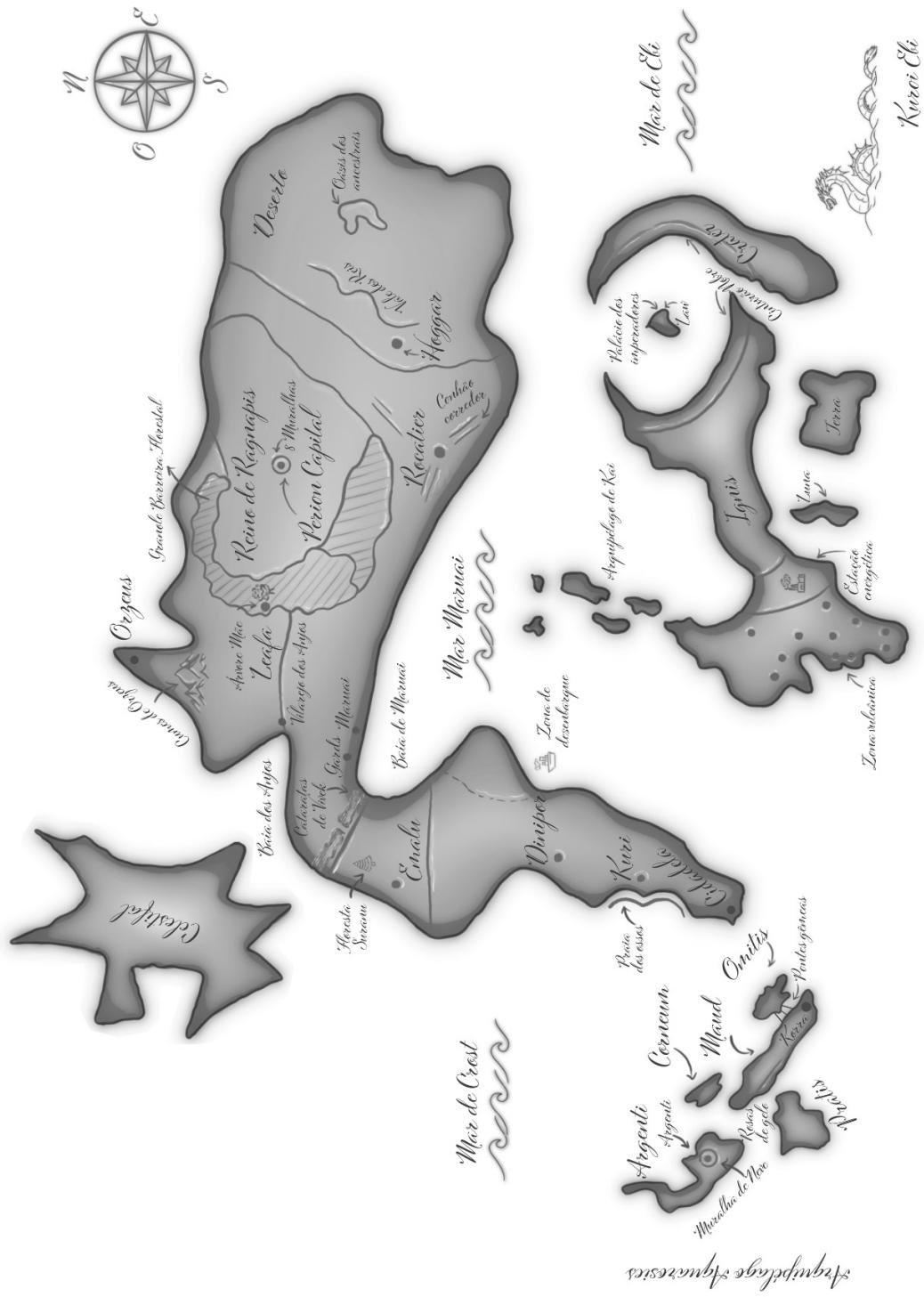
Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 530119/24

ISBN: 978-989-9166-26-4



Eu disse que ia conseguir, este sonho é por mim e por ti.



Lição de respeito

Palácio Imperial — Ilha Law
Império de Ignis/Crater;



 pôr-do-sol alaranjava o fim do dia; a luz que entrava pelas varandas do Palácio iluminava os corredores externos. Zakiel Porgatius caminhava apressadamente rumo à sala do trono, onde uma assembleia de guerra estava a ser preparada.

— Aqui estou pai — disse Zakiel assim que cruzou o véu da entrada da sala do trono.

Tenrei Porgatius, Imperador de Ignis e pai de Zakiel recebia os últimos apetrechos no seu manto ceremonial das mãos de dois criados, mas assim que o seu filho falou, respondeu.

— Zakiel, nesta sala sou Imperador Tenrei ou sua alteza. Não quero ouvir-te chamar-me pai outra vez. Muito menos quando os generais chegarem, isso pode ser visto como um ato de desrespeito! — avisou o Imperador, sentando-se no trono devidamente preparado.

— Sim, sua alteza — respondeu Zakiel desviando o olhar na direção do chão.

— Zakiel, ocupa o teu lugar e lembra-te que não estás autorizado a falar, nem que o teu nome seja proferido. Já foi difícil convencer os generais a deixar-te assistir, quanto mais participar — revelou o Imperador ainda a sós com o filho.

Era a primeira vez que Zakiel participava numa assembleia de guerra. Com apenas dezasseis anos, sempre foi muito fiel ao pai e a Ignis, sendo uma figura importante para o povo e para a região. As suas aparições públicas causavam furor entre o povo de Ignis, pela sua beleza e personalidade cativantes. Era sobre os seus ombros que o futuro de Ignis recaía e as pessoas tinham muito carinho por ele. Mas dentro do palácio as coisas não eram bem assim. Zakiel mostrava-se pouco responsável e maduro, e era por esse motivo que o Imperador Tenrei e os restantes homens fortes do Império o afastavam das questões importantes. Devido a estas razões, o seu pai achou que seria necessário que o seu filho participasse na guerra de forma mais ativa, e talvez assim ganhasse mais maturidade. E este seria o primeiro passo.

O Império de Ignis estava em guerra com o Reino de Ragnapis por diversos motivos, mas aquele que parecia ser o mais importante era uma disputa antiga por um arquipélago a norte da ilha de Ignis, o Arquipélago de Kai.

— Sua alteza, os generais chegaram — informa um guarda do Palácio ao entrar na sala do trono e curvando-se perante o Imperador.

Tenrei não respondeu, mas abanou a cabeça confirmado o que lhe foi transmitido. O guarda retirou-se sem nunca virar costas ao Imperador.

— Está na hora, Zakiel! Verás com os teus próprios olhos como se comanda uma guerra. E pode ser que aprendas uma coisa ou duas com esta assembleia. — Tenrei levantou a cabeça e esperou os generais.

Fora da sala, seis vultos com armaduras reluzentes em tom escarlate e diversas honras militares ao peito, caminhavam em duas filas perfeitamente alinhadas de três elementos. E os seus passos metálicos ecoavam pelos corredores do palácio cada vez mais fortes.

O véu da entrada da sala abre-se, os generais entram com um silêncio glacial nos seus lábios e curvam-se perante o Imperador. Tenrei levanta ao de leve a sua mão, em sinal de saudação, e os generais ocupam os respetivos lugares.

A sala do trono era excepcionalmente ampla, com pilares lisos nas suas paredes laterais, um trono imponente e aguçado, localizado cinco degraus acima do resto da sala com um enorme friso atrás, de onde sobressaia uma Fénix bordada. No centro da sala estavam sete cadeiras distribuídas pelas faces mais compridas de uma mesa retangular. A iluminação estava a cargo de vários braseiros de bronze, gravados de frisos e chamas de chão, espalhados pela sala. Por fim, um mapa do mundo estava estendido sobre a mesa e em frente a cada um dos generais estavam pequenas figuras de bronze que representavam os seus exércitos.

Com um movimento de pulso, Tenrei ordena que os guardas tranquem a porta e aguardem do lado de fora.

Toda aquela situação era nova para Zakiel e na presença de figuras tão importantes como os generais, o sangue que lhe corria nas veias pesava e os seus movimentos estavam ríjos, a pressão de se comportar como um homem deixava-o desconfortável.

— Vamos então dar início a esta assembleia de guerra. General Fairous, a palavra é sua — anunciou o Imperador e o general rapidamente se levantou.

— Sim, sua alteza. — Fairous endireitou as costas. — Caros companheiros, príncipe, como sabem, foi-me encarregue por sua alteza, o Imperador, a função de gerir a zona vulcânica da nossa ilha. Tudo tem corrido nos parâmetros normais. A atividade vulcânica diminuiu como é normal nesta altura do ano e, consequentemente, tivemos algumas falhas energéticas na central.

— General Fairous, após um ano de grande atividade vulcânica e de avanços tecnológicos nas invenções do doutor Everfight, esperava que este ano

não surgissem falhas no abastecimento de energia — comentou o General Kots, encarregue da construção bélica de Ignis.

— General Kots, os progressos no aproveitamento da energia vulcânica foram desenvolvidos para alimentar a nossa ilha e a ilha de Crater não estavam preparados para alimentar um conflito bélico que se alimenta da mesma energia.

— Está a insinuar que devemos abandonar esta guerra, General Fairous? — perguntou o General Eugen, encarregue pela invasão de Ragnapis e o responsável máximo na linha da frente.

— De maneira nenhuma, General Eugen. Só comentei que o gasto excessivo de energia na construção de equipamentos bélicos prejudica o abastecimento de energia ao povo — termina Fairous.

— Os equipamentos bélicos que construímos são aqueles que nos dão vantagem na batalha, está fora de questão poupar gastos nessa parte, General Fairous. Eu escolhi-o para esse cargo por saber que o senhor está habituado a fazer mais com menos, então não espero outra coisa de si. — Tenrei deu a última palavra e Fairous obedeceu, mesmo sabendo que não conseguiria controlar a atividade vulcânica nem entregar o prometido ao Imperador, visto que opor-se à vontade do Imperador era visto como traição.

— General Eugen, como está a correr a invasão? Que planos nos apresentas? — perguntou o Imperador.

O General Eugen levanta-se para começar a sua apresentação.

— Sua alteza, como se deve lembrar, as nossas últimas tentativas de desembarcar na baía de Maruai foram um autêntico fracasso. As catapultas de rápido disparo na costa inimiga tornaram inviável o nosso desembarque, por isso optamos por mudar de local. Escolhemos este local aqui, a sul das cataratas de Vivek e os nossos soldados já marcham para sul para assegurar o controlo da cidade Cidadela — concluiu Eugen, demonstrando no mapa, através de figuras de bronze, os movimentos efetuados.

— Isso vai contra os primeiros planos que me apresentaste meses atrás. — Tenrei inclinou-se no trono para observar melhor o mapa. — Disseste que passar pelas cataratas de Vivek seria um desafio, mesmo para as nossas tropas, e que um ataque direto à capital acabaria com a guerra em poucos meses — comenta o Imperador esperando as explicações de Eugen.

— Sua alteza, eu fui demasiado positivo relativamente à guerra e pelos vistos é possível que ela demore mais do que o previsto. Por outro lado, este tempo foi muito importante para perceber como funciona o Reino de Ragnapis e a sua administração. O nosso inimigo separou o reino em seis províncias mais pequenas, administradas por cinco sacerdotes e pelo rei.

— Inspira antes de continuar. — Para conquistar cada província é preciso conquistar cada cidade que a representa, e os nossos soldados já marcham para sul de encontro à cidade Cidadela e ao seu sacerdote. Além disso, acredito que aquilo que procuramos possa ter sido escondido pelos sacerdotes, e nem o rei tem noção da sua existência — termina Eugen, convencendo o Imperador a aceitar o seu novo plano.

Calado, Zakiel observa o mapa e o General Eugen. O rapaz pensa naquilo que ele disse sobre os sacerdotes esconderem algo de que Ignis estava à procura, o que lhe despertou a curiosidade, prestando mais atenção a cada palavra saída da boca dos generais.

— Presumo que conquistar Cidadela não seja um desafio de maior para ti, mas como pensas passar pelo estreito nas cataratas de Vivek? — pergunta o Imperador.

— Sim, isso será complicado. Esperamos uma forte resistência inimiga, mas tenho um plano em mente. Usaremos jovens do nosso exército como isco para o inimigo, e quando eles forem exterminados, os nossos melhores soldados atacam de surpresa — explica Eugen.

— Como podes usar as nossas tropas assim? São seres humanos, jovens do nosso povo! — dispara Zakiel ao levantar-se da cadeira, um ato revolto que deixa todos os presentes incrédulos.

— Zakiel! — grita Tenrei ao mesmo tempo que se levanta do trono, com um olhar flamejante de enfurecido.

— Desta vez não me vou calar, pai. O General Eugen pretende sacrificar tropas da academia, isso nem sequer devia ser uma opção. Este idiota não tem competências para ser general! — gritou Zakiel em ebólusão, por cima da voz do Imperador, insultando um general.

— Zakiel, cala-te imediatamente! — explodiu Tenrei num tom que deixou as mãos de Zakiel a tremer, mas não lhe tirou da consciência que opor-se ao General era o certo. — Guardas, levem o príncipe daqui para fora e vigiem-no o resto do dia. — A voz poderosa do Imperador voltou a fazer-se ouvir, e até os braseiros da sala crepitaram. Todo o Palácio estremeceu quando ele bateu com o punho no imponente trono de Ignis.

De imediato, dois guardas do lado de fora acataram as ordens Imperiais e retiraram Zakiel. O príncipe foi conduzido pelos dois guardas para fora da sala do trono, e levado até aos jardins do Palácio, onde a sua mãe se encontrava. Solais Porgatius, mãe de Zakiel, reunia-se todos os fins de tarde nos jardins com uma das suas criadas a contemplar os pirilampos que lentamente se iluminavam com o cair da noite.

— Sua alteza Solais, o príncipe ficará aos seus cuidados até a assembleia

de guerra terminar — informou um dos guardas do Palácio, trazendo Zakiel seguro pelo braço.

— Já vi que fizeste asneira, Zakiel. E tu, o meu marido deve ter dito para o vigiarem, certo? Porque é que o trazem até mim?

— Sua alteza já deve estar a par da situação: nós nunca o conseguimos manter vigiado por muito tempo, só a senhora o consegue manter longe de sarilhos — explicou o guarda e retirou-se sem nunca virar costas.

— Estou a ver! O que fizeste desta vez, Zakiel? — perguntou a mãe com um tom neutro na voz.

— Opus-me a um general — disse Zakiel sem entrar em pormenores.

— Bom, se foi só isso, acredito que o teu pai consiga resolver. Mas sabes que, independentemente do que acontecer, terás de te responsabilizar pelos teus atos. Um príncipe e futuro Imperador tem sempre de assumir as suas responsabilidades. — Solais penteia com as mãos os cabelos do seu filho no meio dos pirlampoms que se iluminavam no jardim.

Z

Entretanto, na sala do trono, o Imperador tentava remendar os erros cometidos pelo filho.

— Sua alteza, com todo o respeito por si e por Ignis, o que aconteceu nunca deveria ter acontecido. Zakiel terá de ser responsabilizado pelos seus atos — comenta o General Kots apoiado por todos os generais presentes.

O General Kots é um dos mais conservadores da cultura e política de Ignis.

— Como manda a lei, o meu filho será punido pelo desrespeito, mas concentremo-nos naquilo que nos reuniu aqui hoje. Vamos tratar de assuntos bem mais importantes.

— É inaceitável continuar depois do que foi proferido aqui, sua alteza. Exijo consequências pesadas para o seu filho.

O General Eugen sobe o tom com que profere as palavras, levando o Imperador Tenrei a responder com firmeza.

— Independente daquilo que o meu filho disse, eu também não concordo com o teu plano, portanto repensa a tua estratégia — disse Tenrei numa tentativa de fazer o assunto com o seu filho ser esquecido, sem sucesso.

— Então, sua alteza concorda com o seu filho? Eu sou um idiota e não tenho competências para ser um General? — questiona Eugen, recebendo o apoio de todos os generais na mesa.

— Isso não é verdade! Os teus talentos são indiscutíveis e o teu posto nunca foi colocado em causa.

— Então o meu plano será aceite? — perguntou de novo Eugen.

— Uma coisa é eu respeitar o teu cargo, outra é eu aceitar essa proposta descabida. Usar jovens despreparados como carne para canhão é doentio e um desperdício de futuros soldados que podem vir a dar muito a Ignis.

O Imperador encerrou o assunto e o General Eugen não voltou a propor esse plano até ao fim da assembleia de guerra.

— Ainda assim, sua alteza, temos de avaliar um castigo para o seu filho — disse o General Médis, responsável pela segurança do Palácio Imperial e um dos poucos que nutre um afeto por Zakiel.

— Eu proponho uma execução pública! — Eugen levantou-se o mais rápido que as suas pernas permitiram. Eugen é o general que mais detesta Zakiel, tendo a sua ingenuidade adolescente aliada ao seu desprezo por crianças.

— Não vamos exagerar. Zakiel é o príncipe e herdeiro do trono, não podemos simplesmente matá-lo — opôs-se Fairous, um general benevolente que sempre foi contra as punições mortais.

— Eu é que fui ofendido. Ele desrespeitou o Imperador e interrompeu uma assembleia de guerra; são ofensas muito graves. Independentemente do seu título, a sua morte é o mínimo que posso aceitar — insistiu o General Eugen.

Até agora, Tenrei manteve o silêncio enquanto ouvia os generais, mas quando decidiu intervir, fez tremer todos os presentes na sala.

— Aquele que voltar a propor a morte do príncipe será acusado de conspiração contra a família Imperial, independentemente das ofensas que tenha proferido. O facto de Zakiel ser o herdeiro do trono dá-lhe a imunidade perante a pena de morte — troveja Tenrei para cima dos generais, que começaram a escolher melhor as suas palavras antes de se dirigirem ao Imperador.

— Então, o que é que o senhor pretende fazer para punir Zakiel? — pergunta Fairous, que acreditava estar em melhor posição para falar.

— Pretendo enviá-lo para fora do palácio, onde viverá uma vida normal até chegar a sua vez de ocupar o trono. Ele precisa de ganhar maturidade; precisa de crescer como príncipe para um dia estar preparado para o trono.

— Parece-me uma boa ideia, sendo um castigo apropriado — concorda o General Kots, sempre a favor da ordem e disciplina.

— Sim, viver fora dos luxos do palácio pode fazer com que ele aprenda uma lição importante sobre respeito — concluiu o General Médis.

— Ainda assim, eu não concordo. Ele é muito popular entre o povo e podemos estar a causar consequências incontroláveis no futuro. Além disso, mais cedo ou mais tarde, todos ficariam a saber do motivo para ele passar a viver fora do Palácio e isso causaria muitos problemas para a autoridade do Imperador e para a minha reputação.

Mais uma vez, o General Eugen opõe-se a uma decisão tomada pelo Imperador. Com os argumentos apresentados por Eugen, o Imperador Tenrei não tem como discutir. Sabia que o castigo pelas ofensas de Zakiel seria a morte, mas se o povo descobrisse que isso não aconteceu, poderiam ser colocadas em causa outras questões, e em menos de nada o Imperador perdia a mão no seu povo.

— E se o enviarmos para o Arquipélago AquaRosies? Aquele povo inferior não tem sequer exército para se defender. Normalmente acolhem todo o tipo de pessoas nas suas comunidades, lá ele não causaria problemas a Ignis. E ainda podia aprender uma coisa ou duas com o exílio — disse o General Fairous, menosprezando o povo de AquaRosies.

— Parece-me... aceitável, por enquanto — aceita Eugen.

— Sua alteza, o que me diz? — pergunta Fairous.

— Ignis está acima de tudo para mim, e Zakiel não passa de uma criança mimada. Assim que esta guerra estiver terminada, ele retornará do exílio e terá uma segunda oportunidade para se comportar como um príncipe. Caso contrário, será banido do Palácio e passará a ser mais um cidadão. — Os generais acenaram, aceitando a proposta de Tenrei. — Então está decidido. A partir de amanhã, Zakiel Porgatius será exilado para AquaRosies com uma oportunidade para se redimir — conclui o Imperador Tenrei.

Mesmo que Tenrei seja o Imperador, existe uma lei criada há muitos anos, até mesmo antes dos Reinos de Ignis e Crater se juntarem, que permite aos Generais de Ignis tirarem o trono ao Imperador caso este não cumpra com as suas promessas nem com a sua palavra, e o mesmo acontece ao contrário. Sendo assim, as palavras de Tenrei eram finais.

A assembleia de guerra acabou pouco depois e os generais curvaram-se perante o Imperador, abandonando a sala do trono. Em seguida, os mesmos dois criados que vestiram o Imperador, aparecem e retiram os apetrechos dourados e o peitoral ceremonial, deixando-o com as suas vestes comuns e a coroa com a forma de uma labareda aguçada na cabeça. Tenrei abandona a sala do trono e segue as indicações dos guardas sobre o paradeiro do seu filho.

Os jardins ficavam perto do topo do palácio: era uma grande área circular cercada por arbustos de porte médio com apenas uma estrada de terra batida que levava até ao centro do jardim. Daí, outros caminhos se ramificavam até alcançarem todo o manto verde. No centro estava uma estátua de uma Fénix igual há da sala do trono, e aos pés da Fénix um banco de jardim onde Solais estava sentada com Zakiel ao lado.

Tenrei entrou nos jardins e seguiu de encontro à sua família.

— Pai, peço desculpas pelos meus atos, sei que fui imprudente, mas não pude evitar... — explica Zakiel, sem saber que o seu pai já tinha tomado uma decisão.

— Aquilo que fizeste, Zakiel, independentemente de estar certo ou errado, foi uma ofensa muito grave. Pedi para não falares e tu falaste. E mesmo que pudesses falar, nem eu me dirijo aos generais da forma como tu fizeste. O General Eugen queria condenar-te à morte. Por sorte arranjei uma solução que satisfez todas as partes. Serás exilado para AquaRosies com uma oportunidade de redenção. Partirás amanhã de manhã. — Tenrei cerrou os lábios, mostrando a sua fúria silenciosa para com o seu filho, enquanto Zakiel tentava assimilar as palavras do pai.

— Tenrei, por favor, pensa melhor. O nosso filho só tem dezasseis anos, é uma criança. E mesmo que AquaRosies seja um local pacífico, não o podemos deixar ir sozinho.

— Tu estás sempre a dizer-lhe para ser responsável e arcar com as consequências dos seus atos. Ele ofendeu os generais e desrespeitou-me. Desta vez não há perdão, ele será exilado até ao fim da guerra. Aí, terá a sua oportunidade para se redimir e mostrar que merece continuar como príncipe — terminou Tenrei, chateado e cansado.

Em Zakiel crescia uma dor no peito, enquanto a sua garganta ficava seca. Ele nunca havia visto o pai tão furioso.

— Aconselho-te a ires dormir. Espera-te uma viagem longa amanhã — disse Tenrei para Zakiel, mantendo a voz firme e uma postura intimidatória.

Tenrei vira costas aos presentes e Solais segue-o numa última tentativa de o fazer mudar de ideias.

Zakiel ficou a sós nos jardins por mais uns minutos até se dirigir para o seu quarto.

A noite foi longa, e Zakiel mal conseguiu dormir. Preparou-se mentalmente para o que aconteceria na manhã seguinte, mas uma pequena parte dele ainda acreditava que a sua mãe conseguiria convencer o pai a mudar de ideias.

Z

— Tenrei, és o Imperador de Ignis, o homem mais poderoso do mundo, não consegues convencer os generais a deixar o Zakiel aqui? — pergunta Solais partilhando a cama com Tenrei.

— Não são os generais que precisam de ser convencidos, sou eu. O Zakiel tem-me causado muitos problemas. A sua falta de respeito e de maturidade

para com todos no Palácio já me incomoda, mas quando o fez na presença dos generais foi a última gota.

— Mas pelo que percebi ele estava certo, e mesmo assim vai ser banido?
— insiste Solais.

— Desta vez estava, mas isso não é motivo para ter insultado o General Eugen, e ter desrespeitado todos os presentes. Pode ser que este castigo o ensine uma grande lição sobre respeito.

A partida

Palácio Imperial — Ilha Law

Império Ignis/Crater;



Ia madrugada do dia seguinte, o sol encontrava-se tímido. O nevoeiro matinal espalhava-se em redor da ilha de Law, onde o Palácio Imperial se localizava: uma pequena ilha rochosa entre Ignis e Crater. Há muito tempo, antes mesmo da formação dos primeiros povos, um enorme meteoro colidiu com o local e separou a terra, criando duas ilhas, a de Ignis e a de Crater. No centro ficou o que restou desse meteoro, e foi lá que os reis de Ignis e Crater construíram o seu Palácio, nascendo o Império de Ignis-Crater.

Agora, o Imperador Tenrei está sobre as areias negras da praia, esperando o seu filho Zakiel, escoltado por dois guardas do Palácio até ao seu barco metálico, abastecido com provisões e utensílios que seriam úteis na sua jornada.

Zakiel chega ao areal e segue rumo ao seu barco sem olhar para o pai, com dois guardas a ajudarem-no a preparar o barco. Então, o porta-voz lê a sentença:

— Por ordem Imperial, Zakiel Porgatius será condenado ao exílio por desrespeito e ofensas à assembleia de guerra, e o seu posto de príncipe de Ignis ser-lhe-á retirado até ao fim do exílio. Porém, terá a oportunidade de recuperar o seu posto caso as suas atitudes assim o façam merecer — conclui o porta-voz, fechando o pergaminho da sentença e entregando-o a um oficial para ser guardado em segurança.

Com o final do discurso, Tenrei retira-se e segundos depois os guardas empurram o barco para as águas que envolvem a ilha. Já distante, Zakiel toma o leme para si. Solais não teve coragem de ver o filho partir; contudo, estava numa das varandas do Palácio a assistir à cerimónia de longe. Ali permaneceu, muito depois da partida do filho, a olhar as águas vazias, tão vazias como o seu coração. As lágrimas beijavam a sua face. A tentativa de libertar o aperto que se acomodava no seu peito era em vão.

Já Zakiel carregava mais frustração do que dor. Só lhe ocorria provar o seu valor, não só ao Imperador, mas também a Ignis.

De costas para a ilha, Zakiel deixava as lágrimas jorrarem pela sua face, as mesmas que segurou até estar ausente da presença do pai. Não queria de nenhuma forma passar a sensação de medo ou fraqueza.

Após alguns minutos, sentiu as lágrimas secarem sobre a pele. Zakiel

não tinha medo. O treino de combate que recebeu no palácio tinha uma lição importante, que seria a primeira a ser aprendida. *Ignis não teme nada nem ninguém. Só o fogo merece o nosso respeito!* Esta frase, dita vezes sem conta durante o seu treino, deixou-o sem qualquer resquício de medo do desconhecido, porque ele sabia que ninguém é mais forte que Ignis. Ninguém é mais forte que o fogo.

Passaram-se algumas horas até o nevoeiro desaparecer. Zakiel pegou num mapa que se encontrava dentro de uma pequena sacola de couro e analisou o seu percurso. AquaRosies localizava-se um pouco mais a oeste de Ignis, então ele seguiu em frente mantendo esta ilha sempre à sua direita.

Enquanto passava pela sua terra natal, apreciava a sua beleza natural, vendo um território vulcânico com terra muito escura, mas com excelentes paisagens. Apesar de Zakiel saber todos os contornos da ilha, ele nunca fora mais longe do que o cinturão nobre, cuja zona rodeia a cratera onde está o Palácio Imperial. O cinturão é habitado pelas mais importantes figuras do Império, mas não são nada iguais às zonas mais afastadas do Palácio. Daquela distância, não conseguia obter uma visão clara, mas era óbvia a diferença: as casas no cinturão nobre são grandes e requintadas; estas eram pequenas e modestas, com muito espaçamento entre si.

Pouco depois, entrou numa zona onde os vulcões e o fumo são predominantes, como resultado, é daqui que Ignis retira a sua energia. A maioria das máquinas do Império são alimentadas por energia vulcânica, que permite a Ignis obter uma supremacia em relação aos outros povos do mundo. O Doutor Everfight é o principal responsável por esse processo. Ele é o homem que inventou a máquina a vapor e mais tarde a carvão, estando a trabalhar numa máquina movida a fogo, ainda que numa fase muito inicial. É esta área que o General Fairous gera, e é devido aos vulcões e à forma como a energia é usada que, apesar de se localizar muito a sul e ser habitualmente fria, Ignis torna-se num país quente e avançado tecnologicamente.

As horas passaram, agora que Zakiel atravessava o vasto manto azul que o rodeava com a fome a surgir, decidiu abrir o barril de mantimentos. Ao abrir a tampa de madeira deparou-se com uma enorme surpresa.

— Loic!

Dentro do barril estava Loic Lantis, primo mais velho de Zakiel, filho da irmã de Solais.

— O que fazes aqui, Loic?!

Loic tinha dezoito anos e, apesar de pertencer à família real, nunca teria um cargo importante por estar fora da linhagem principal. Escondera-se no barril na noite anterior à partida de Zakiel para o exílio.

— Então priminho, tudo bem? — pergunta Loic bem-disposto, enquanto se espreguiça.

— Não! — grita de novo Zakiel. — O que fazes aqui!?

— Ora, vim acompanhar o meu primo favorito nesta sua nova jornada — responde Loic com naturalidade.

— Tu sabes que fui exilado, certo? Que raio fazes aqui? — insiste Zakiel, baixando gradualmente o tom da sua voz.

— Vá lá, Zak, tu já me conheces. Eu adoro uma boa aventura e nunca estive em AquaRosies, por isso achei uma boa ideia — responde Loic sem muitas preocupações.

— Isto não é uma aventura! É um exílio, não percebes? Eu fui banido de Ignis!

— Ouve, Zakiel, sabes bem que eu nunca poderia ascender a altos cargos no Império. Achas que eu ia querer passar o resto da minha vida preso num Palácio, sabendo que não teria a mínima hipótese de ocupar um lugar de destaque? Eu quero viver a vida, e sem ofensa, mas este teu exílio veio mesmo a calhar!

Zakiel ainda estava relutante, mas já conhecia o desejo do primo de sair do Palácio, então aceitou a sua presença e ambos partiram para AquaRosies para refazerem a sua vida.

Novos hábitos

Ilha Maud

Arquipélago AquaRosies;



Aviagem para AquaRosies era longa e já amanhecia de novo. Zakiel e Loic entretinham-se a imaginar como seria o arquipélago, o que iriam encontrar e como seriam recebidos.

— Então, como achas que será AquaRosies? — pergunta Loic deitado com os pés fora do barco.

— Imagino uma vila no meio do gelo — responde Zakiel seguro ao leme.

— Oh! Obrigado, isso eu já sei! Não tens assim nada melhor que essa cabecinha possa imaginar?

Loic senta-se de frente para Zakiel com os braços apoiados nos joelhos.

— Bem, deixa cá ver... Imagino uma pequena vila com casas feitas de gelo e uma fogueira no meio.

— Vês, assim está melhor! — concluiu Loic numa tentativa de animar o primo, sem sucesso. — Vá lá meu, só um sorrisinho. Eu sei que foste exilado, mas não podes continuar para sempre com esse humor. Vá anima-te!

— Eu sei, Loic, mas neste momento estou a pensar numa forma de voltar a Ignis e recuperar a confiança do meu pai.

Zakiel permanece fixo na fina camada de gelo na água, como se tivesse acabado de selar um acordo entre si e o pai.

— Detesto desapontar-te, mas uma decisão do Imperador é irrefutável. Só voltarias a Ignis se... sei lá... vencesses a guerra contra Ragnapis! — terminou Loic a admitir uma remota possibilidade.

— É isso! Vamos para Ragnapis ajudar Ignis a vencer e depois disso tenho a certeza de que convenço o meu pai a aceitar-me de novo no Palácio.

— Vai com calma, rapazinho! Como pensas fazer isso? E que eu saiba nunca aceitei nada disso! Ou aceitei? É que às vezes falo a dormir — termina Loic, abstendo-se das ideias de Zakiel.

— Não, não falas a dormir, mas vens comigo, certo? — pergunta Zakiel animado.

— Tu nem tens um plano a sério, é só uma ideia! E que certezas tens de que isso resultará? — Loic pôs o primo em dúvida, sem muita vontade de ir para Ragnapis.

— O plano! Pensei nele agora mesmo. Primeiro vamos para AquaRosies, ficamos cá uns dias a abastecer-nos de provisões e depois partimos para

Ragnapis para procurarmos ajudar o Império de alguma forma — conclui Zakiel cada vez mais convicto.

— Que raio de plano é esse!? Não! Não contes comigo! — informa Loic, deixando Zakiel calado por agora.

Internamente, Zakiel buscava argumentos para convencer o primo, mas primeiro aperfeiçoaria o seu plano.

Z

Algumas centenas de metros à frente do barco, estava a ilha Maud e, de uma torre de vigia simples feita de madeira escura, com restos de neve nas fendas entre troncos, um homem avista a embarcação.

— Alerta, alerta! — gritou o homem correndo pela vila. — Um Barco de Ignis aproxima-se.

Rapidamente, vários homens da comunidade saíram das suas casas com tochas numa mão e lanças, cajados e pequenas facas na outra, rumando à praia.

Este povo, que fora descrito como pacífico lá em Ignis, mostrava-se muito hostil nas suas movimentações. Algo não estava certo.

— Ok, camaradas, vamos esconder-nos e quando eles chegarem cercamo-los rapidamente. Se eles tentarem atacar, ataquem primeiro! — ordenou o homem que os reunira.

Z

— Bolas, este gelo é mesmo irritante! Como é que conseguem navegar aqui?

Loic mostrava-se frustrado ao usar o remo para quebrar o gelo que os impedia de navegar, mas assim que o remo bateu em terra firme, Loic ergueu as sobrancelhas.

— Espera, aqui já tenho pé, é mais fácil se eu sair e puxar o barco.

Mal as palavras saíram-lhe dos lábios, Loic saltou para fora do barco. Assim que os pés entraram na água gelada, um uivo saiu-lhe dos lábios devido ao choque térmico, o que o levou a apressar os passos para sair dali, puxando o barco até à neve da ilha.

— Não pensei que estivesse tão fria. Em que ilha estamos? — questiona Loic, arrependendo-se da sua ação anterior.

— Segundo o mapa... estamos em Maud. A segunda maior ilha de AquaRosies — responde Zakiel ao ter bastante cuidado a sair do barco.

— Bem, então vamos procurar alguém que nos possa ajudar.

Loic retira um saco com mantimentos e diversos utensílios do barco, e estica uma lona por cima deste, só o suficiente para não se encher de neve. Assim que os primos começam a caminhar para o interior da ilha, um grupo de homens salta dos seus esconderijos e cerca os rapazes.

A neve e o nevoeiro em volta dificultavam a visão dos primos. Ao redor, persentiram várias sombras a aproximar-se, e que rapidamente deram lugar a homens com grossos agasalhos que lhes davam um ar ainda mais ameaçador.

— São de Ignis. Vejam as roupas — disse um dos homens. — Larguem o saco no chão! — gritou outro de algum lugar em volta do cerco.

— Nós viemos em paz! — gritou Loic, sem convencer os homens. — Mas que raio! Não era suposto serem pacíficos? — sussurrou Loic para o primo. — Precisamos de ajuda!

— Nós não ajudamos ninguém de Ignis! — imperou um dos homens. — Enviei-nos para a prisão — concluiu, pegando no saco que os primos traziam enquanto eles eram amarrados.

Os primos tremiam pela falta de roupa apropriada para as temperaturas que se faziam sentir, sendo arrastados para a vila. Pelo caminho, os rastos dos pés marcavam a extensão do manto branco que cobria a ilha. Ao chegarem a um edifício construído de troncos de madeira escura e portões largos como de uma cavalariça, dois homens amarraram-nos em postes separados e abandonaram o edifício. O interior estava totalmente vazio, apenas com aquelas duas pilastras em que ambos foram amarados.

— Zakiel, estás bem? — pergunta Loic com uma voz forçada.

— Sim, estou bem, só estou com frio.

— Tenta não pensar nisso e mantém os teus membros em movimento — aconselhou Loic enquanto fazia o mesmo, sentindo as suas pernas ensopadas de água gelada.

Uns minutos depois, as portas do edifício voltaram a abrir e entraram três homens robustos com tochas na mão. O calor vindo das tochas era reconforçante e os primos prestaram muita atenção às figuras na sua frente.

— Então, vocês são de Ignis, certo? — perguntou um homem de barbas no meio do grupo.

— Sim, somos! — respondeu Zakiel. Os seus dentes tremiam, enquanto o primo nem conseguia falar.

— E o que fazem aqui? Quando chegam mais de vocês? — pergunta o mesmo homem.

— Não... não vem mais ninguém. — Zakiel tentava expressar-se com visíveis dificuldades.

— Como se eu fosse acreditar nisso. E estas armas, para que servem? — insiste o homem, abrindo o saco que os primos traziam.

— Uten... utensílios.

Por fim, o homem apercebe-se da dificuldade dos rapazes em falar e decide tomar outro tipo de medidas.

— Copper, Victor, tragam-nos até à grande fogueira.

Loic levanta os olhos o máximo que consegue e, ao ver Zakiel ser levado, solta um grunhido esforçado semelhante a um *não*.

— Olha, afinal este fala! — disse Victor com um sorriso irónico, puxando Loic logo a seguir.

>O julgamento na fogueira

Ilha Maud
Arquipélago AquaRosies;



Po pátio central da vila, rodeado por casas, já uma multidão se reunia. Uma grande fogueira alimentada por troncos maciços ameaçava alcançar os céus. Uma grande conferência estava a ser preparada.

— Atenção, camaradas! — gritou o mesmo homem que interrogou Zakiel e Loic.

— Uldren! — chamou em conjunto um grupo de crianças.

— Abram caminho, por favor — disse Uldren. Logo atrás dele, Copper e Victor arrastavam os primos de Ignis amarrados até ao centro da fogueira.

Com a passagem dos prisioneiros quase inconscientes, o povo afastou-se em silêncio com expressões aterrorizadas. Zakiel e Loic foram arremessados para perto das chamas. A terra que rodeava a fogueira estava agradavelmente quente. Então, o príncipe deitou-se na terra, esfregou-se nela, tentado aquecer o corpo, e enterrou as mãos amarradas na terra só para sentir aquele calor passar-lhe entre os dedos. Quando já conseguia aguentar-se minimamente de pé, agarrou em terra e esfregou-a no corpo do primo, que nem se conseguiu mexer. Levou algum tempo até Loic conseguir pronunciar uma palavra:

— Deixa-me. Ouvi aquilo que eles têm para dizer...

O povo de AquaRosies observava Zakiel passar as mãos pelo corpo do primo, com movimentos rápidos numa tentativa de o aquecer, mesmo continuando amarrado. Uldren chega-se à frente e pergunta:

— Quem são vocês e o que fazem em Maud?

— O meu nome é Zakiel e este é o Loic. Viemos de Ignis em busca de ajuda.

O povo parece ter acreditado, mas não Uldren.

— Mentira! Por que Ignis quereria a nossa ajuda depois do que fizeram?! — indigna-se Uldren, trazendo o povo com ele.

— Não é Ignis, somos nós! — responde Loic com bastante custo.

Uldren afasta-se, relaxando os músculos da cara e afunilando as sobrancelhas, cada vez mais curioso.

— Porque é que dois miúdos precisam de ajuda se vêm da *poderosa Ignis*?

— Fui exilado e o Loic veio comigo. Só estamos a pensar ficar uns dias antes de partir para Ragnapis. Por favor, acreditem em nós! — implora Zakiel com as forças que lhe restam.

Uldren vira costas aos miúdos e fala diretamente para o povo:

— Devemos acreditar nestes jovens?

O povo começou a sua votação. Os olhares dos primos passavam de pessoa para pessoa na expectativa da escolha que fariam. Após algum debate, os primos conseguiram convencer a população, demonstrando que o povo de AquaRosies não é violento, mas sim misericordioso.

— Camaradas da Vila de Korra, acham que devemos deixar partir estes rapazes de Ignis ou devemos castigá-los pelo que Ignis fez à ilha de Omitis?

— perguntou Uldren, já sabendo da resposta, pois muitas daquelas pessoas vieram da ilha de Omitis depois do ataque de Ignis no início da guerra.

— Castigá-los! — gritaram quase todos, apoiando o castigo.

— Eu proponho obrigar-los a carregar troncos da floresta para a fogueira — disse um homem magro, que possivelmente era ele que o fazia ou então seria a sua vez de o fazer.

— Sim, isso mesmo! — disseram alguns.

— Vamos obrigar-los a reconstruir Omitis — disse uma voz tímida no meio da multidão e desta vez as concordâncias foram maiores, senão absolutas.

Enquanto o povo discutia os castigos a aplicar, os dois primos não sabiam o que responder. Loic estava de joelhos e deixou cair a cabeça na terra, dividido entre a raiva e a tristeza, de tal forma que já sabia que a sua aventura se resumiria à escravidão.

As lágrimas começaram a cair-lhe pelo rosto e mesmo com a cara encostada à terra, Zakiel sente uma vontade enorme de confrontar Uldren.

— Hei, grandalhão! Nós não fizemos nada, não somos os culpados que procuram. Ignis nunca atacou as vossas terras. A guerra é com Ragnapis! — responde Zakiel com bastante agressividade, um feitiço que já trazia desde Ignis.

Uldren vira-se para Zakiel e responde com um tom de voz muito pesado.

— Vocês são culpados sim. Vocês representam Ignis e vão pagar pelos crimes do vosso povo — gritou. — Ignis atacou Omitis, foi lá que testaram as suas armas antes de as usarem contra Ragnapis. O povo de Omitis foi quase dizimado pelas bolas de fogo que caiam do céu sem aviso, atingindo civis desarmados, mulheres, crianças e animais. Tudo foi reduzido a cinzas.

— Os olhos dele pareciam queimar. — Depois enviaram uns gigantes com armaduras de metal que destruíram as construções que ainda estavam de pé e mataram a sangue-frio aqueles que tentavam resgatar alguma coisa dos incêndios. O teu povo é doentio!

Uldren pontapeou Zakiel nas costelas, fazendo-o cair perto da fogueira. Loic tentou reagir, mas as lesões nas pernas só o deixaram levantar por

instantes, antes de voltar a cair no chão, chamando repetitivamente pelo nome de Zakiel apesar das dores na garganta.

— Têm sorte que somos bem melhores que o vosso povo, senão já estariam a ser torturados — comentou Victor, afastando Zakiel da fogueira sem grandes cuidados.

Ao ver o estado de Loic, uma velhinha fura por entre a multidão e decide analisar os ferimentos dele. Descalça-lhe as botas e apercebesse que os pés de Loic estavam roxos e que precisavam de cuidados médicos urgentes. Uldren concordou e os primos foram separados. Loic foi levado para uma cabana octogonal com um telhado cônico, a enfermaria da Vila de Korra. Zakiel foi levado para o mesmo edifício em que estivera, mas, desta vez, para um piso subterrâneo bem mais quente, sendo colocado numa cela de madeira grossa. Ele era o único ali.

Entre as grades e a liberdade

Ilha Omitis — Arquipélago AquaRosies;



Hma nova manhã abria-se nos céus quando Zakiel foi acordado por um guarda que o acompanhou da prisão até à ilha Omitis.

Zakiel vestia as mesmas roupas com que chegara e, assim que se encontrou no exterior, o frio correu-lhe o corpo sem que pudesse fazer algo para se aquecer. Ambos percorreram um caminho de terra cercado por neve e árvores mortas até chegarem a uma ponte, que levava para Omitis.

— Omitis fica do outro lado desta ponte. Podes ir — O guarda empurrou-o, permanecendo na entrada da ponte a vigiar. — Antes de considerares fugir, lembra-te: é uma ilha, está cercada por água gelada e as outras duas pontes também são vigiadas.

Omitis era uma ilha extensa, com um aspeto arredondado, ligada a Maud por três pontes, sendo que nenhuma delas tinha mais de quarenta metros. No centro de Omitis ficava a vila de Mória, a maior da ilha, com várias pequenas aldeias circundando toda a extensão de Omitis.

Em pouco tempo, Zakiel completou a travessia e confirmou com os seus próprios olhos a destruição que foi alegadamente causada por Ignis. Ele ainda não acreditava que a sua casa, a sua pátria, tivesse atacado AquaRosies só para testar armamento.

Z

Enquanto Zakiel explorava Omitis, Loic permanecia na enfermaria aos cuidados de uma senhora idosa, baixa e corcunda, com a pele enrugada da idade, e um ajudante que aparentava ter a mesma idade que Loic. As suas pernas estavam roxas e as queimaduras de gelo num estado avançado. Loic estava consciente, mas não dizia uma única palavra. Não era porque não conseguia, mas porque não queria. Loic preocupava-se com Zakiel e, depois do que lhe aconteceu na noite anterior ao pé da fogueira, decidiu não falar nada até se reencontrar com o primo.

— Anciã Dorine, troquei as ligaduras ao rapaz, mas ele continua sem falar. Será que ele está bem?

— Ele não parece ter nenhum problema na garganta nem com as cordas vocais, acho que ele só não quer falar. Trataremos das pernas do jovem para que não tenhamos necessidade de amputar — disse a Anciã ao caminhar lentamente de volta a Loic com um frasco na mão.

— A circulação do sangue nas pernas foi comprometida, podemos tratá-las se formos rápidos — avisou a Anciã.

Dorine, ao longo da sua carreira como curandeira, tratou muitos ferimentos semelhantes e soube como agir para salvar as pernas de Loic.

— Pronto, com isto restaurei a circulação sanguínea nas tuas pernas e em dois dias já voltas a andar. — Quando se afastou, Dorine recebeu um abafado «obrigado» de Loic, que pensou que a Anciã não ouvira.

Z

Em Omitis, onde Zakiel se aproximava da primeira aldeia destruída, encontrou outros trabalhadores que remexiam nos escombros. Eles retiravam uns panos velhos das casas e colocavam-nos numa carroça bem alta. Zakiel mantinha a cabeça baixa, não querendo falar com ninguém por saber que não agradaria nada aos restantes trabalhadores, e limitou-se a ajudar.

Aproximou-se das fundações de uma casa queimada e começou a retirar todo o tipo de destroços. Acumulou-os num monte perto da carroça. A seguir começou a atirá-los para dentro dela. Tinha frio e, quanto mais abria os braços para trabalhar, mais sentia as temperaturas negativas.

— Hei, tu! O que estás a fazer!? — gritou furioso um dos trabalhadores.

— Estou só a ajudar — disse Zakiel num tom inocente, continuando a atirar madeira queimada e outros destroços para dentro da carroça.

— Para de atirar lixo para aqui! — gritou o mesmo trabalhador empurrando Zakiel para o chão. — Estamos a retirar os corpos das vítimas, e tu estás a atirar lixo aqui para dentro!

De olhar esbugalhado e respiração pesada, o trabalhador abre a carroça para mostrar a Zakiel os corpos.

— Não tens mesmo coração, criatura!

Era uma visão tenebrosa para Zakiel. Os corpos queimados amontoados, envoltos em panos brancos, deram-lhe náuseas e afastou-se progressivamente para outra zona.

Mas aquela não era a única carroça. Outra mais à frente fazia a mesma função e estava igualmente cheia. E mais à frente outra e mais outra. Eram tantas carroças, tantos corpos, que Zakiel afastou-se da aldeia para se recompor.

Ele não queria acreditar que os culpados daquele massacre eram do seu povo, mas não conseguia parar de se sentir culpado. Não tinha certezas, mas todos pareciam ter. Ele não esteve presente, portanto não poderia confirmar, mas começava a acreditar no que lhe era dito.

Aquele primeiro dia foi extremamente difícil para Zakiel, e assim que retornou à sua cela, abrigada do vento e do frio, sentiu uma sensação reconfortante. Aí, ele percebeu a situação irônica em que se encontrava. Apesar de estar preso, a cela era melhor que a liberdade, voltar para a prisão após estar em liberdade tornou-se um momento pelo qual ansiava o dia todo.

Mais tarde, um guarda entregou a Zakiel uma sopa aguada e fria que ele não rejeitou. A sopa vinha numa tigela de barro e sem uma colher com que Zakiel pudesse comer; porém, isso não atrapalhou Zakiel, que comeu na mesma.

Passou-se mais uma noite e o dia voltou a AquaRosies, com Zakiel a ser acordado pelo guarda para repetir a rotina. Caminhou lado a lado com ele até Omitis e atravessou a ponte.

Loic ainda estava na enfermaria, mas já andava com a ajuda de muletas e os pés envoltos em ligaduras.

Z

No quarto dia, Loic saiu finalmente da enfermaria, vestido com as suas roupas e calçado com as suas botas, embora as pernas roxas ainda estivessem a sarar, já conseguia andar. Dorine foi bastante prestável para com Loic e, apesar de ter recomendado mais uns dias de descanso, ele quis sair e reencontrar o primo.

Zakiel já estava a caminho de Omitis para mais um dia rotineiro a limpar os escombros quando Loic, acompanhado por um guarda, os interceta.

— Loden! Leva este também.

Loden esperou uns segundos até o seu companheiro chegar com Loic agarrado pelo braço. Assim que Loic reencontrou o seu primo, eliminou a distância entre eles com um forte abraço.

— Zakiel! Como estás? — pergunta Loic, visivelmente animado apesar das circunstâncias.

— O melhor possível!

Nenhum deles teve mais tempo para afetos. O guarda Loden separou-os e ordenou-os a voltar a caminhar.

— Nem acredito que estás aqui! Pensei que nos tinham separado de vez — disse Zakiel, sorrindo como já não fazia há muito tempo.

— Trataram-me dos ferimentos e aguardaram até eu estar recuperado, desde o princípio que queria voltar a ver-te, priminho, mas não sabia se te veria vivo, pelo menos — completou Loic, sorrindo com Zakiel, mesmo sentindo os ossos regelar.

Quando finalmente chegaram a Omitis e foram deixados sozinhos, Loic estranhou, mas Zakiel explicou-lhe como as coisas funcionavam com base no que aprendeu em três dias.

— Apesar de eles não te vigiarem, não tens como fugir, é uma ilha repleta de água gelada e as únicas três pontes para Maud têm guardas a tempo inteiro. Além disso, não estamos sozinhos na ilha. Há outras pessoas aqui que vão retirando os corpos queimados e congelados das vítimas, mas suspeito que se vão embora quando já não sobrar mais nenhum corpo para retirar. — Loic escutava as palavras do primo, enquanto observava a paisagem.

— E encontraste evidências que foi mesmo Ignis a fazer isto?

— Até agora nada, mas não sei se quero encontrar. Acho que prefiro não saber — responde Zakiel e Loic entende os seus motivos.

Ambos continuaram a trabalhar mais alguns dias da mesma maneira e sobre as mesmas condições. Os dias acabavam e ambos sentiam agrado quando recebiam a sopa fria e entravam de novo nas suas celas. Uma vez, durante a sua varredura pelos escombros de uma aldeia, Zakiel encontrou uma colher de madeira e guardou-a. A sua intenção era não desperdiçar uma gota que fosse daquela sopa. Sempre que terminava a refeição, entregava a colher ao primo por entre as vigas de madeira grossa que compunham a cela.

Apesar da situação, Loic sempre utilizou do bom humor e do seu sorriso para não deixar o primo cair numa profunda dor. Podia não ter motivos para sorrir, devido à dor lacerante que se acentuava nas suas pernas quando andava, mas para manter o seu primo com um sorriso na cara, aguentou dores, frio e fome. Por outro lado, Zakiel conhecia os sacrifícios do primo. As forças para aguentar a pressão dos acontecimentos começavam a deixá-lo em baixo, em ponto de ebuição, mas não podia. Perante o primo, manteria a sua postura e, em simultâneo, obrigava Loic a não desistir.